

# Lições dos psicóticos- VI

## (O Homem do Tempo)

---

Nuria Malajovich

### A publicização do pensamento

Falar é, para A., trazer a público. Talvez por isso tenha abandonado repetidas vezes os atendimentos psicoterápicos iniciados, ao longo dos últimos dez anos, em uma instituição.

Durante o trajeto de volta, do hospital à sua casa, a mesma cena se repete indefinidamente: o que diz no consultório é comentado e referido pelos transeuntes e passageiros de ônibus que cruzam seu caminho. Paradoxalmente, solicita, a vários técnicos, fazer-se ouvir por telefone a qualquer momento, a qualquer hora, em qualquer lugar.

A pedido da coordenação dessa instituição, cansada de suas constantes solicitações, recebo o paciente. Chega afirmando a importância de seu tratamento psiquiátrico dizendo o quanto as injeções o ajudam a acalmar seu espírito. Por outro lado, refere, ao mesmo tempo, que a medicação “deixa a tarde menos colorida e mais opaca” e que sente saudade de “ver o mundo sem química”.

Embora descreva a experiência como um entorpecimento, uma desaceleração, não parece atribuir nenhum efeito benéfico no apaziguamento dos sintomas psicóticos que apresenta: exteriorização e sonorização do pensamento, interpretações delirantes, alterações na experiência de percepção do corpo, para citar alguns.

Demonstra-se indisposto a submeter-se a uma psicoterapia, afirmando que não há sigilo possível para ele. Sua vida é devassada, invadida e comentada e até mesmo seus pensamentos são roubados e difundidos na rádio, no jornal e na televisão.

Frente a sua dificuldade, opto em não realizar nenhuma oferta de tratamento. Indico-lhe, entretanto, os horários nos quais pode me encontrar.

### Política e sexualidade

Transcorridas algumas semanas sem ter notícias, telefono para sua casa. Esse ato não é livre de conseqüências. Aos berros, me acusa de não ter entendido absolutamente nada do que ele havia dito, ou pior, de não querer entender. Sem me dar nenhum espaço para falar, desliga o telefone, não sem antes pronunciar vários impropérios.

Quinze dias depois, o encontro a minha espera. Vem me contar sobre algo que ouviu no ônibus e que poderia fazer alusão a sua pessoa.

Uma série de encontros não marcados, como esse, passam então a se dar. Define a origem de seus problemas como sendo políticos e sexuais. Situa o desencadeamento durante a faculdade,

a partir de sua filiação política a um partido. Começa a sofrer perseguições, vodu, magia negra. É chamado de “ela” na rua, vê sua sexualidade comentada pelas pessoas que cruzam seu caminho.

Curiosamente, desenvolve, ao longo dos anos, uma ginecomastia em decorrência do uso prolongado de medicação de depósito, da qual não parece de forma alguma querer se desfazer. Minha hipótese é de que com a localização em seu corpo, de um atributo essencialmente feminino, atende à injunção do exterior e ao mesmo tempo lhe põe um freio.

No que se refere à política, está longe de chegar a uma solução. Recentemente decidi participar da presidência de uma associação ligada ao movimento da reforma psiquiátrica. A ferocidade com que os fenômenos alucinatórios se fizeram presentes, não deixou dúvidas quanto à dificuldade desta empreitada.

## **A defesa pública**

Com a regularização de seu atendimento, acompanha-se uma enxurrada de telefonemas e solicitações. Estas últimas giram em torno da idéia de que eu tenho que fazer alguma coisa para ajudá-lo, para defendê-lo publicamente das acusações das quais é alvo.

Um período difícil se anuncia: ataques de fúria, pedidos incessantes e uma indisponibilidade de permanecer no tempo do atendimento. A ausência de uma resposta da minha parte é tomada por ele como descaso ou como incompetência. Ameaça constantemente deixar o atendimento, pede freqüentemente para ser encaminhado a outro profissional.

Não tolera nenhuma pergunta, porque acredita que já tenho a resposta. Fica possesso se uso alguma palavra que não se adequa à sua experiência, interpreta que eu não acredito no que ele diz. Exige que eu tome atitudes em relação aos abusos sofridos, que saia em sua defesa.

Em algumas dessas ocasiões, interrompi as sessões, chegando a ter uma vez que pedir que se retirasse da sala. Mantive-me, durante alguns meses, firme no propósito de não acusar o recebimento desse tipo de manifestação. Em um dia no qual me acusava violentamente de não fazer nada para ajudá-lo, cheguei a dizer-lhe que o que lhe acontecia era muito grave e que minha prática não oferecia respostas definitivas para o seu sofrimento.

Comecei também a limitar minha disponibilidade em atender seus telefonemas, dizendo-lhe, por exemplo, em uma ocasião na qual me ligou insistentemente durante um final de semana inteiro, que precisava descansar. Aos poucos um esvaziamento começa se produzir e um novo tempo transferencial pode ser construído.

## **O mosaico e a repetição**

Algumas de suas vivências começam a ser sistematizadas nesse novo período, que proponho separar em três blocos.

1 - Alterações na esfera do pensamento: tudo o que pensa é falado por outra pessoa antes que possa se exprimir. Seus pensamentos são, portanto, antecipados pelo exterior, que os veicula antes dele. Acusam-no de ser plagiário, ao passo que vive a situação como um roubo.

2 - Alterações na esfera do dizer: tudo o que diz é difundido em lugares públicos, as pessoas fazem alusão aos seus ditos. Por exemplo: se em uma sessão fala sobre religião, no ônibus de volta para casa, o motorista pergunta se alguém vai saltar na Igrejinha.

3 - Alterações na esfera do vivido: vive em uma repetição constante de sua vida. Acredita que eu já o atendi antes, por exemplo, mas não me lembro. Escreve textos que já escreveu. Fala coisas que já falou. Repete comportamentos de tempos em tempos.

Suas queixas giram nesse período em torno das apropriações e licenças que as pessoas fazem de seus escritos. Pede que eu passe a guardá-los, pois crê que estes estão sendo roubados como material para elaboração de roteiros da Rede Globo. Aceito seu pedido, mas não demonstro interesse algum pelo conteúdo de seus textos. Apenas guardo os papéis que me confia, amassados e dobrados em milhões de partes, em minha bolsa.

Passa a pedir consultas extras quando se sente muito invadido ou difamado ou me telefona com alguma regularidade, mas de forma pontual, para pedir meu aval a respeito de suas soluções.

Pede, transcorrido algum tempo, que eu leia com ele seus escritos. São pedaços de papel com fragmentos de falas escutadas, pensamentos ou ainda breves acontecimentos numerados em ordem crescente. Diz alterar alguns dados “para manter o sigilo” e não ser “acusado de plágio”. Constituem-se como uma colagem de impressões que reproduzem, em uma certa medida, o estilhaçamento subjetivo do qual padece, mas que, por outro, dão a ver as ranhuras a partir das quais se estrutura.

Paralelamente, se engaja (pela primeira vez em dez anos) em uma atividade: confecciona utensílios domésticos em mosaico! Apesar das dificuldades, das cismas e das desconfianças, já conseguiu vender algumas peças.

## **A pasta**

Durante o tempo que o acompanho, me perguntei algumas vezes sobre a função que têm para ele seus escritos, já que vinham sempre acompanhados de muita angustia. Sua insistência em sustentar essa prática me fez procurar em seu texto alguma indicação de sua função.

Qual é o risco que eu corro escrevendo? E se não escrever será que uma hora vai querer meter bala, farpa, faca, granada, bomba, míssil?

Minha hipótese é de que com os escritos, ele tenta superar a indeterminação à qual parece estar confinado. Como conter, entretanto, o transbordamento dessa escrita? O fragmento que segue ilustra seu tormento:

Como seria o mundo se todos vivessem se esquecendo uns dos outros? Certamente seria um mundo mais maluco, mas e se só alguns vivessem sendo esquecidos? Muitos gostariam disso. Tanto nas famílias

quanto em público, esquecer e ser esquecido pode ser um desejo temporário, não deve durar demais, mas só até quando são corrigidas algumas coisas que pioravam as coisas, como a ditadura e a falta de diálogo (e isso não é unânime).

O que é extrair demais do que se lê, ouve e lembra, o que são os limites individuais? Alguém se lembra do que é ser bossal? Seria verdadeiro? E ficção? Mas onde e com quem, e para quê e contra quem? Escrever e falar sobre isso seria insuportável se durasse demais, pois eu quero viver e deixar viver. Pena de morte, crueldade, fala-se nisso neste país, ultimamente, na mesma época quando eu não sei discutir esses temas, nem esquecê-los. Coincidência.

Um dia, vem com uma pasta dando-me a orientação expressa de guardar nela seus escritos. Pede que classifique seus textos seguindo a numeração que determinou. Penso que estabelecer uma ordem não deixa de ser uma forma interessante de marcar o tempo e sua repetição. Passa um período importando-se cada vez menos com o sentido veiculado em seus escritos. Não traz nessa ocasião novas produções, mas pede para ver a pasta. Folheia os papéis, esboçando um ar de contentamento ao detectar mudanças em sua caligrafia.

## **Discussão**

Marcus André Vieira

### **Um pouco mais de Ambigüidade**

“Falar para A. é trazer a público.” Bombástico. Mas esse é um ponto chave do caso. Primeiro poderíamos dizer que “público” e “privado” para o paciente é muito complicado no que tange o que se pensa e o que se fala, principalmente. “Não há sigilo possível”.<sup>1</sup> O que eu penso está lá e eu estou aqui? Ou o que penso está aqui e eu estou lá? Dependendo de qual aspecto, a psicopatologia chamaria de publicação do pensamento ou transitivismo. Isso aparece, porém, não só no pensamento. Toda uma série de acontecimentos subjetivos se apresenta nessa extrema ambigüidade entre o que é bom e o que é ruim, o que está fora o que está dentro, o que resolve e o que não resolve. Lacan os define como fenômenos imaginários, não no sentido de que seriam uma ilusão, mas sim que são marcados por essa possibilidade de terem, tal como tudo que se apresenta no espelho, sua polaridade invertida de um instante para o outro.

A ginecomastia, contudo, é um ponto que não se inclui nesta série. Quero ressaltá-la por isso. Ela estaria a princípio relacionada a pensamentos e falas, mas não está. “Ele desenvolveu a ginecomastia pelo uso prolongado da medicação de depósito”, diz Núria. A primeira idéia é que se trata de uma fatalidade, de um crime iatrogênico da psiquiatria. Nós, que não gostamos de medicação, diríamos, como diria o senso comum, de que o melhor é tirar essa mazela inconveniente dele. “Porém ele não quer se desfazer de forma alguma disso”. Aqui, em vez de seguir o senso comum e dizer “isso é loucura”, Núria acredita que “com a localização em seu corpo de algum atributo essencialmente feminino ele atende a injunção do exterior que o chamava de *ela* quando

---

<sup>1</sup> Eu gostaria de fazer vocês lembrarem a dificuldade daquele caso da Andrea Marcolano. Ela estava naquele espaço exíguo no qual não podia se mexer porque causaria uma invasão absoluta nem podia ficar parada porque seria uma violência absoluta. De outra maneira é o que acontece aqui. A própria Núria sintetiza isso ao dizer: “Ele tenta superar a indeterminação ao qual parece estar confinado”. No caso de Andrea Marcolan eram dois espaços, agora é o espaço de uma espécie de revira-volta constante.

andava na rua e ao mesmo tempo lhe põe um freio”. Aparentemente estamos complicando algo que nada tem de subjetivo, contaminando com nossa mania de psicólogos algo simples. Ainda mais estamos trazendo toda uma ambigüidade da loucura dele para nossa própria elaboração. É isso mesmo.

Se isso é ambíguo e complicado é porque Núria está se deslocando em um espaço apertado e pantanoso que é o da transferência nesse caso. Esse espaço exíguo essa ambigüidade é muito presente, a transferência gira em torno disso.<sup>2</sup> Aquilo que seria o pior (alguém comentando os atos e chamando de ela), paradoxalmente, se localizado no corpo através dos seios crescidos é um alívio. Não era para ser o contrário? Agora que ele é ela mesmo não vai pitar de vez (já que estava sofrendo justamente de ser chamado de ela?) Ora, é melhor ser ela do que ter a experiência da invasão de ser chamado de ela o tempo todo. É a invasão que angustia e não o sentido do que se diz.

## O melhor no pior?

Então a pergunta que se lança, mesmo antes de examinar se concordamos com a hipótese de Núria é: O que pode estabelecer essa distância, o que pode parar essa invasão? Chamo a atenção para a idéia de que isso seria uma solução.

Será preciso reformular também nossa concepção habitual de solução. Tomemos a coisa a partir do par pergunta-resposta. Tendemos a pensar o seguinte: A uma pergunta contrapõe-se uma resposta. Quando quero saber algo sobre alguma coisa, a resposta vem no lugar do vazio do saber e elimina a pergunta, ou seja, a resposta ocupa o lugar da pergunta e a elimina. Uma resposta vem contra uma pergunta bem como uma solução viria contra algum problema.

Isso, porém, nunca vai acontecer no caso desse paciente e por isso mesmo essa confusão toda. Aqui acontece outra coisa: a solução que vai resolver o problema da ambigüidade é feita de ambigüidade. Então é como se o problema fosse resolvido por ele mesmo e não por outra coisa. É como se a solução do problema fosse uma espécie de piora do problema.

Minha aposta é que podemos pensar isso em geral para a psicose e talvez na psicanálise. As soluções que nos interessam nunca são as soluções que vem contra alguma coisa. *Você quer mesmo ser avaliado* de Jacques-Alain Miller e Jean Claude Milner traz considerações importantes nesse sentido sobre o binômio problema/resposta. Contra a tendência atual a pergunta ou o problema não será substituído por uma resposta. A resposta virá de outro lugar, afastando o problema ao transformá-lo em solução. Não é o próprio problema que amplificado, desenvolvido na sua ambigüidade é a solução?

Digamos que há na experiência clínica que exige esse tipo de pensamento meio dialético onde uma espécie de síntese se faz compondo as teses e antíteses numa espécie de progresso, mas não exatamente de superação ou ascensão, mas apenas passagem para um outro nível. Talvez Hegel seja o melhor nome, para este tipo de idéia e não faltam indicações de Lacan, especialmente em seus primeiros seminários, no sentido de dizer que o tratamento analítico avança através de

progressões dialéticas. A síntese não é algo que venha de fora, mas sim uma espécie de passagem para um outro nível da mesma coisa. Só que juntas, tese e antítese, produzem algo. Que é que Lacan valoriza muito com o termo alemão *aufhebung*. Que costuma ser apressadamente traduzido por síntese. É justamente suspender, reunir, anular, enfim, várias coisas...

Não estamos falando que a solução é paciente piorar mais, mas alguma solução pode ser encontrada em uma aparente piora (no sentido de uma atividade delirante por exemplo). Nessa amplificação das questões. A gente pode ficar com a idéia de uma evolução do problema como se ele tivesse passado para outra fase. É algo que devemos acrescentar ao nosso arsenal de propostas. Em vez de dizer agora que vamos barrar o gozo podemos dizer que vamos localizar o gozo. Como? Pegando onde tem gozo mais concentrado e concentrando mais ainda.

Quando Núria fala da resposta. “Ele não tolera nenhuma pergunta porque acredita que eu já tenha a resposta” Então poderíamos pensar: Por que quando alguém que acha que você tem a resposta fica com tanta raiva quando você pergunta. “Ah! porque ele acha que eu estou querendo fazer pouco dele” diria alguém. Isso é muito comum na psicose. Fica-se embaraçado em perguntar porque a reação não é previsível. Às vezes quando o sujeito é mais elaborado ele responde “Não vou responder porque você já sabe” então isso é uma espécie de regra, mas nem todo mundo é assim, muita gente apresenta uma raiva, uma irritação. “Ele não tolera nenhuma pergunta. Se ele não me tolera por que eu já tenho as respostas não adianta trazer respostas para as perguntas dele.” Escreve Núria. Já é uma idéia pensar nessa hipertrofia do problema. O que se pode fazer com ele passa por não ficar perguntando. Primeiro porque sua pergunta vai ser algo que não tem nada a ver com a questão. Você pode até perguntar alguma coisa mas não no sentido de fora. Mas no sentido de como a gente faz para crescer esse “bolo”? Entendem que o problema não é colocar um ponto de interrogação no final, mas sim de onde você se coloca para perguntar. Se você pergunta apenas para poder melhor classificar ou para buscar a maneira de barrar a coisa pode complicar, pois isso não é algo que se presta a barrar. Se você se pergunta como se orientar ali dentro para ver onde estão os lastros, os S1 como dizemos no nosso jargão, talvez o paciente seja mais acessível.

Retomando a ambigüidade. Nuria vai marcá-la em três esferas: Esfera do pensamento, Esfera do viver, Esfera do vivido. O pensamento e o viver são termos bastante próximos, pois ele diz “tudo que penso é falado por outra pessoa antes que eu possa me exprimir. Meus pensamentos são antecipados no exterior.” Ele é acusado de ser plagiário. Depois tudo que vivo é difundido em locais públicos. É basicamente a mesma coisa. Entre pensamento e fala nós não faremos diferenças. Ficariamos, dessa forma, nesse transitivismo ou roubo e difusão do pensamento. Já a em relação à esfera do vivido não. Ele vive uma constante repetição na vida dele. Acredita que ela já o atendeu antes, escreve coisas que acredita já ter escrito, fala coisas que já falou e repete comportamentos de tempos em tempos. Isso é um pouco diferente. Não é só o fato de eu não ter diferença entre o que se fala ou os pensamentos são do outro, ou ainda o Outro está em mim. Aqui acontece um sentimento de que tudo que se pensar e dizer já foi pensado e dito. Faz parte de mesmo fenômeno eu não conseguir separar um discurso próprio ou separar o discurso coletivo do discurso privado, por exemplo. Mas essa sensação de repetição – sensação de que, quando você pensou uma coisa

ela parecia genial, mas quando você disse era óbvia - todo mundo também já viveu. Porém se você quiser dizer o genial você falha.

Nesse momento, pode-se iniciar um delírio dizendo que o genial está em algum outro lugar e não na esfera do pensamento e supor de seres de outro mundo. Isso tudo se deve a não aceitação da idéia de que só se vai dizer aquilo que já foi dito como alguma invenção, porém pequena. Um psicótico está sempre às voltas com fato de que o que eu disse aqui eu ouço amanhã, por exemplo. E é exatamente isso que ele, o paciente, fala para gente. Nesse ponto ele não é muito original. Então eu acho importante porque isso vai falar do escrito. Afinal... Se tudo já foi dito para que escrever? Se tudo que eu escrevo já foi dito e tudo que eu penso o outro já sabe. O que me adiantaria escrever? É parte do drama dele. O que eu escrevo pode ser publicado bem como não ter valor nenhum. Porquê o que eu escrevo já está lido pelo Outro. Então esse é um problema. Então pra que escrever. Esse é o tema do debate.

## Os escritos

Antes de saber isso, ele traz alguma coisa, um texto. Suas queixas sempre giram em torno das apropriações e licenças que as pessoas sempre fazem em relação a seus escritos. Pois seus escritos estão sendo roubados como matéria para roteiros da Rede Globo. Muito compreensível essa experiência. Isso acontece não só na psicose. Escreve-se alguma coisa que você gostou depois de algum tempo alguém te diz “fui eu que te disse isso”. Dois amigos que conversam e trocam idéias. Um lança uma idéia e fica famoso e outro diz; “Fui eu quem teve essa idéia”. Como saber? Pensem no Freud e no Fleiss. Então, ele traz o escrito para Núria e ela ignora.

Agora eu marquei logo depois o que está mais do lado da hipertrofia do problema. A Núria diz “eu preciso descansar”. Ou seja. Isso além de marcar o limite, fala que ela não dá conta. Vejam que estamos seguindo um pouco o esquema no caso da Patrícia o momento do *isso-tem-que-para* é o momento que ela segura e depois diz: “eu não posso”. “Desculpa eu não posso discutir, Não é porque eu sou fraquinha não... mas pelo contrário porque eu estou submetida a uma Lei.” Enquanto o *eu-preciso-descansar* faz a mesma função. Isso faz efeito como ato.

Voltemos ao momento em que Le traz os textos à Núria. Ele traz os textos e ela não quer saber dos textos. Foi uma atitude prudente, bem razoável, um cálculo de alguém que tem bastante experiência. Nós poderíamos pelo calor humano dizer: que ótimo eu quero ver seus textos. Que pode funcionar, mas que também pode dar no que você agora faz parte do grupo que publica meus pensamentos. E não adianta dizer “Eu não estou interessado” você tem que realmente não se importar. Você ficar no *deixa-aqui-depois-eu-vejo* não funciona. Então é algo que realmente não quero ver. Não vamos dizer que isso é tudo, mas devemos focalizar um pouco nessa intervenção.

**Paula Borsoi:** É importante dizer que aí tem um verdadeiro desinteresse, ou seja, tem uma ligação com a verdade. Claro que tem uma calculo nisso principalmente por ter sido avisada pelo o que paciente falava das apropriações das pessoas faziam, mas não é uma farsa. Até porque nem sempre esses escritos são interessantes.

**Marcus André:** A partir de agora ele pede que ela leia os escritos. Surge uma resposta que não se lança contra uma pergunta. A resposta para ele não seguiu o sentido de cortar e barrar o gozo fazendo que ele “fique livre”. Sabemos muito bem que não é nada disso. Ela só afasta a si mesma do interesse especial. Acontece que agora ele quer que ela se interesse (não no sentido de uma queixa em relação ao não interesse dela). Ou seja, ele quer que ela se interesse justamente porque ela não se interessa, mas não para interessá-la. Isso ocorre justamente porque ele quer fazer outra coisa com ela do que interessá-la.

**Núria:** Pensando agora em uma coisa que agora faz muito sentido. Quando eu comecei a ler porque ele tinha me pedido percebi que tinha muita dificuldade em ler – ele tinha uma letra horrível. Enfim, eu não conseguia ler. A cada palavra ele decifrava para mim.

**Marcus André:** Parece o texto do Mateus. Onde mostramos que quando estamos lendo o texto. Quando a gente sofre pra entender. O importante não é o entendimento, o sentido. Quando você sofre muito para entender você perde alguma coisa que se encontra na letra. Você percebe que você jogou tudo fora do que você estava fazendo quando você entende.

**Núria:** Mas eu tava lembrando-me disso justamente associando ao que ele fala depois sobre observar as mudanças na caligrafia.

**Marcus André:** Então se quisermos fazer uma cartilha psicanalítica podemos dizer: Interesse-se pela caligrafia, pelas formas de escrita e não pelo conteúdo. Não se interesse pelo que está sendo dito, mas sim por aquilo que nós chamaríamos de dizer, a montagem. Isso interessa mais do que a outra coisa.

Paralelamente a esse nosso trabalho de montagem dos escritos, essa leitura - mas lembre-se essa leitura é uma montagem e não uma compreensão – leve vem construindo mosaico. Porém pode-se dizer que essa montagem não prova nada atribuindo vários motivos para a melhora do paciente. Enfim esse é o nosso motivo, essa montagem que ele faz. Ninguém vai dar conta do universo da experiência.

O fato é que com a Núria nos diz e com o Mosaico ele tenta “superar a indeterminação a qual parece estar confinado”

## **Pai e simbólico**

A tese geral sobre a discussão que se desenrola no grupo na internet, é, basicamente, que simbólico e Nome-do-Pai não são a mesma coisa. Pensei em falar que o Nome-do-Pai é um serviço para dizer que existem pessoas que não são usuários desse serviço. Os psicóticos não são usuários, por exemplo. Isso vai bem com a idéia dos assinantes. Porém dizer que os psicóticos não estão no simbólico é uma força de expressão. Ainda que isso faça sentido, comporta muitos perigos. Dizer que ele não está no simbólico é dizer que ele não está em alguma coisa que poderíamos dizer que faz parte da humanidade. Há um certo perigo, mas o uso do Lacan criou uma certa tradição de se dizer que o psicótico não está no simbólico, ele não dialetiza, enfim... Existem dificuldades para organizar, mas pela radicalidade do último ensino seria um absurdo dizer que o psicótico não está

no simbólico, pois para ter “gente” é preciso ter simbólico, real, imaginário. Agora que estamos corrigindo o dicionário lacaniano (faremos isso aos poucos). Vamos ao caso. Não apresentaremos o caso uma vez que vocês o têm em mãos. Comentaremos apenas os trechos mais notáveis...